

SONHOS, TROUPAS E LUXO: A REPRESENTAÇÃO DAS MULHERES INVISÍVEIS NAS OBRAS DE JOÃO DO RIO E ROBERTO ARLT

JURY ANTONIO DALL'AGNOL (UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA - UFSC).

Resumo

João do Rio e Roberto Arlt são autores que fizeram muito sucesso no início do século XX em seus respectivos países (Brasil e Argentina). Seus livros estavam sempre entre os mais vendidos e ter reportagens assinadas por eles era garantia de aumento nas vendas dos jornais. O enfoque analítico deste trabalho está posto sobre dois textos destes autores – *As Mariposas do Luxo*, fragmento da obra *A Alma Encantadora das Ruas* de João do Rio (1908), e *A Moça da Troupa*, crônica do volume *Aguafuertes Porteñas* de Roberto Arlt (1929). Nestes recortes textuais, abordo as formas como a mulher simples, humilde e trabalhadora surge representada na obra destes autores em relação a sua invisibilidade social e ao fluxo violento de mudanças sociais e tecnológicas que tiveram reflexos em várias camadas da sociedade nas primeiras décadas do novecento brasileiro e argentino. Não almejo, neste artigo, fazer um estudo literário das obras destes autores; também não creio que seus registros forneçam uma representação “pura” da realidade social de seu tempo. A intenção aqui é explorar a possibilidade de “ler”, na obra dos repórteres–ficcionistas, as formas de exclusão e invisibilidade que se constrói através de uma modernidade que ao mesmo tempo, seduz e a ameaça esta figura feminina.

Palavras-chave:

mulheres, exclusão, história e literatura.

A cidade como cenário literário

(...) Foi-se a velha Paris (de uma cidade a história

Depressa muda mais que um coração infiel);

Paris muda! Mas nada em minha nostalgia

Mudou! Novos palácios, andaimes, lajeados,

Velhos subúrbios, tudo em mim é alegoria.

E essas lembranças pesam mais do que rochedos (...).[1]

O cisne, v. 7–8 e 30–33.

Sim, Paris mudava. Sob a administração do barão, prefeito e engenheiro George Eugène Haussmann, a capital francesa passou por remodelações que transformaram profundamente não só os lugares, mas também as pessoas e as relações entre elas. Nos anos de 1853 a 1870, durante o império de Napoleão III, Paris passou por uma grande reforma planejada, transformações estas que mudaram as concepções de urbanismo e que influenciaram cidades do mundo todo.

Em meio ao turbilhão de mudanças na capital francesa, Charles Baudelaire escreve as suas *fleurs maldives*, e, através da melancolia de quem vê um passado ruir, registra que “as lembranças pesam mais do que rochedos [...]” (BAUDELAIRE, 1985: 327-328).

Ninguém pode negar que as mudanças foram bruscas e céleres, no entanto, a modernidade não podia esperar, pedia passagem e vinha com seu carro abre alas de vento em popa. A então perspectiva de uma cidade moderna vinha de encontro com a nova ordem capitalista urbana.

No vácuo do cabriolé carregado de modernidades surgia a figura do *dandy*. Com o terno cuidadosamente desalinhado e o ar blasé inconfundível, percorria as ruas da cidade escrevendo textos e poemas que mostravam as mudanças radicais sofridas pela urbe. Em Paris, Baudelaire é um dos que se encarrega deste intento.

O poeta desliza pelas ruas e mostra a face cruel das reformas urbanísticas de Haussmann. A modernidade é para poucos, por isso, a população pobre é removida do Centro para os bairros periféricos, onde se instalam, também, as empresas fabris. Tudo muito coerente para os agentes da modernização. A malha urbana, o espaço, alterava-se com uma velocidade sobrenatural, prédios ruíam, prédios surgiam, do dia para noite a cidade transformava-se e deixava o cidadão que não sabia o que estava acontecendo atordoado e trêmulo. Segundo Lewis Mumford:

Entre 1820 e 1900, a destruição e desordem, dentro das grandes cidades, é semelhante àquela de um campo de batalha, proporcional à própria extensão de seu equipamento e ao poder das forças empregadas. [...] Aquelas vastas massas urbanas podem comparar-se a um exército mal-equipado e desorganizado, que perdeu seu chefe, dispensou seus batalhões e companhias, rasgou suas bandeiras e foge em todas as direções (1961, p. 484/584).

Um pouco mais tarde, na passagem do século XIX para o XX, duas cidades da América Latina também começam a sofrer mudanças urbanísticas influenciadas pela *Belle Époque* francesa. A capital federal do Brasil, Rio de Janeiro, e a da Argentina, Buenos Aires, sob o modelo de prosperidade econômica e artística parisiense, principiam também a transição para uma ordem capitalista urbana. Inicia-se desse modo a composição de um mercado de trabalho industrial na cidade, baseado na mão-de-obra livre formada por ex-escravos e imigrantes, o que acentuou ainda mais a formação de classes pobres na periferia da urbe. Destarte, a malha urbana era o lugar onde a pobreza e o luxo coexistiam. Um espaço de tensões constantes, marcado pela aglomeração de pessoas, transformações aceleradas e desordem cotidiana. Como refere Angel Rama:

A modernização internacionalista, que aproximadamente se estende de 1870 a 1920, e cuja arrogante autocelebração se encontra nas festas do primeiro centenário da Independência, com datas escalonadas entre 1910 e 1922, consagrou um segundo nascimento da vasta região americana ao sul do rio Grande. Os que haviam sido conturbados estados separados da Espanha e Portugal, converteram-se na pujante América Latina que consolida sua vinculação à economia-mundo ocidental e constrói sua reconhecível imagem contemporânea, pois nesse período se forjam as bases da América Latina atual (Rama, 1984, p. 102).

A partir deste novo cenário latino-americano, surge à solta pelas ruas da cidade um novo personagem de inspiração baudelariana: o escritor/jornalista. Este se dedica e se aventura a escrever sobre questões sociais que envolvem as camadas menos privilegiadas economicamente da sociedade. Mostra os subúrbios, as disparidades sociais, e os habitantes através do olhar *flâneur* que marcam por sua sensibilidade e o caráter anônimo. Fogem à regra de outros autores que se propõem a escrever somente para a rica e reservada "elite letrada", caminhando através de modelos estéticos europeus, ignorando, por completo, as beiradas sociais da cidade que contemplam a parte não "civilizada".

Fugindo desse estilo, a contrapelo, mas também sob alguma influência francesa/inglesa (Baudelaire, Poe e Wilde), o olhar anônimo e denunciador do *flâneur* ganha nome nas capitais do Rio de Janeiro e de Buenos Aires. São eles, o carioca João Paulo Emílio Cristóvão dos Santos Coelho Barreto ou João do Rio, pseudônimo inspirado em Jean de Paris e o *porteño* Roberto Godofredo Christorphensen Arlt ou simplesmente Roberto Arlt. Vagando pelas ruas de suas cidades e observando parcelas da sociedade, escreveram através da literatura e do jornalismo histórias, crônicas e reportagens que mostravam as primeiras décadas

do século XX, anos que marcaram fortemente a população urbana pelo crescimento descontrolado das urbes e pela segregação social ferrenha. Escreveram principalmente sobre os anônimos pobres que não liam e que não tinham seu universo lido pelos alfabetizados.

Caminhamos deste modo pelos ladrilhos que Sandra Jatahy Pesavento chamaria de *visões literárias do urbano*[2]. Passo após passo, por todas as ruas, enxergando a urbe em sua totalidade, João do Rio e Roberto Arlt captam o aspecto distinto da vida na metrópole adotando como temática fundamental o sentimento de entrada na modernidade. O enfoque é o progresso metropolitano através das observações da miséria. Esse *approach* com os “males sociais” causa certo desconforto na elite da cidade, pois, esquivava-se completamente da face civilizadora a qual cravavam seus princípios. Todavia, essa repugnância por parte da fina flor social da época não afeta o estilo preferido dos dois autores para a criação literária que é, justamente, esse lado contrário da modernização: a face destruidora dos tempos modernos que separa e distingue. Portanto, como bem lembra Pesavento:

Nosso ponto de partida se insere no que chamaríamos de história cultural do urbano e que se propõe a estudar a cidade através de suas representações. Entendemos ser esta uma fascinante proposta para o nosso final de século, quando a cidade se coloca, mais do que nunca como desafio, sendo o lugar – por excelência – “onde as coisas acontecem” (Pesavento, 1999, p. 08).

Entre a ficção e a história: as mulheres invisíveis

Final de tarde ou início da manhã, com um sorriso no canto da boca ou a infelicidade marejando os olhos, elas surgem. No Rio de Janeiro (RIO, 1952):

As duas raparigas curvam-se para a montra, com os olhos ávidos, um vinco estranho nos lábios. Por trás do vidro polido, arrumados com arte, entre estatuetas que apresentam pratos com bugingangas de fantasia e a fantasia policroma de coleções de leques, os desdobramentos das sedas, das plumas, das *guipures*, das rendas (p. 63).

Em Buenos Aires (RIBEIRO, 2001):

Todos os dias, às 5 da tarde, tropeço com moças que foram buscar a costura.

Magras, angustiadas, sofridas. O pó-de-arroz não chega a cobrir as gargantas onde sobressaem os tendões; e todas caminham com o corpo inclinado para um lado: o costume de levar a trouxa sempre do lado oposto.

E os pacotes são maciços, pesados: dão a sensação de conter chumbo, de tal maneira tensionam a mão (p. 180/181).

Através destes dois fragmentos da literatura de João do Rio e de Roberto Arlt, certamente podemos notar que estes registros ocupam um lugar de destaque no conjunto de estudos que buscam desvendar as mudanças sociais e políticas que a modernidade causou na população da cidade do Rio de Janeiro e de Buenos Aires no final do século XIX e início do século XX. A presença da massa urbana é constante nas narrativas dos autores e acende diferentes interpretações sobre as sensibilidades que se atravancavam nos anos iniciais do *novecento* latino-americano.

Tanto a escrita ficcional literária quanto a história estão presentes na obra dos dois escritores, um exemplo claro da fusão real-imaginário. As obras ***A Moça da Trouxa*** (1929) e ***As Mariposas do Luxo*** (1908) possuem resquícios de subjetividade e objetividade que se misturam e reinventam uma nova forma de contar a história das mulheres operárias e de suas respectivas cidades. Desse modo, segundo Mônica Pimenta Velloso a história serviria “[...] como matéria inspiradora para a ficção, reinvenção da realidade” (VELLOSO, 1988: 259).

Os reflexos da independência, da república, da modernidade, as dissensões políticas e sociais, a marginalização e a miséria das camadas populares são fatos que se entrecruzam com as vivências íntimas de João do Rio e Arlt, e tornam-se material para a escrita dos dois. Um testemunho ocular que na “[...] reconstituição da memória é subjetiva” (VELLOSO, 1988: 259).

As narrativas seguem o fluxo da vida, elas não se ilustram à parte da história, unicamente escoam-se. Na medida em que a história é contada, os

episódios aparecem acompanhando a memória dos autores “[...] que não se preocupa com o encadeamento exato de fatos determinados, mas com a maneira de sua inserção no fluxo insondável das coisas” (BENJAMIN, 1994: 209).

Na crônica *As Mariposas do Luxo*, João do Rio relata o passeio das operárias saindo do local de trabalho e parando em frente às vitrines de produtos importados. Nesse momento, quando “[...] os relógios acabaram de bater, apressadamente, seis horas” (RIO, 1952: 63), o olhar do *flâneur* recai sobre estas mulheres e o *insight* é feito. O autor parte de uma referência histórica vivida para escrever sua ficção, de sua ocupação como *flanêur* para oferecer um “retrato” de época. Essa captação do passado na obra do articulista denota a compatibilidade entre história e literatura, sem que sejam negligenciadas as especificidades dos respectivos discursos. Desse modo, refere Pesavento que:

História e Literatura correspondem a narrativas explicativas do real que se renovam no tempo e no espaço, mas que são dotadas de um traço de permanência ancestral: os homens, desde sempre, expressaram pela linguagem o mundo do visto e do não visto, através das suas diferentes formas: a oralidade, a escrita, a imagem, a música (PESAVENTO, 2006, p. 13-14).

O autor com uma clareza literária excepcional consegue, através da representação do cotidiano, mostrar aos leitores a invisibilidade das operárias perante as *professional beauties*. Isto fica bem claro contrapondo dois fragmentos da crônica. O primeiro faz menção às mulheres da alta sociedade (RIO, 1952):

Já passaram as *professional beauties*, cujos nomes os jornais citam; já voltaram da sua hora de costureiro ou de joalheiro as damas do alto tom; e os nomes condecorados da finança e os condes do Vaticano e os rapazes elegantes e os deliciosos vestidos claros airosamente ondulantes já se sumiram, levados pelos “autos”, pelas parelhas fidalgas, pelos bondes burgueses (p. 63).

O segundo apresenta as operárias que mourejaram o dia todo (RIO, 1952):

Ninguém as conhece e ninguém nelas repara, a não ser um ou outro caixeiro em mal de amor ou algum pícaro sacerdote de conquistas. Elas, coitaditas!

passam todos os dias a essa hora indecisa, parecem sempre pássaros assustados, tontos de luxo, inebriados de olhar. Que lhes destina no seu mistério a vida cruel?

Trabalho, trabalho; a perdição, que é a mais fácil das hipóteses; a tuberculose ou o alquebramento numa ninhada de filhos. Aquela rua não as conhecerá jamais. Aquele luxo será sempre a sua quimera. São mulheres. Apanham as migalhas da feira. São as anônimas, as fulanitas do gozo, que não gozam nunca (p. 63).

Sonham, passam pelas montras e sonham. Imaginam-se um dia usando as jóias, as plumas, os vestidos, de mãos dadas com seu príncipe encantado. Apenas sonhos. Aquele “trecho de rua civilizada” (RIO, 1952: 65,) nunca proporcionará a elas este desejo, a probabilidade de mobilidade social dessas mulheres é ínfima.

Como as operárias, as donas de casa também tinham pouca (ou nenhuma) oportunidade de ascender social e economicamente. Também são invisíveis, mas aqui, invisíveis aos olhos do pai, dos irmãos, dos maridos e dos filhos. Como o próprio Arlt comenta em sua crônica ***A Moça da Trouxa***: “Não se trata de fazer sentimentalismo barato. Não. Mas mais de uma vez fiquei pensando nestas vidas, quase absolutamente dedicadas ao trabalho” (RIBEIRO, 2001: 181).

Um trabalho que não é visto. Onde a faina física intensa e o baixo valor do salário delas ou dos maridos, aliados a pouca alimentação nem sempre permitem que elas comprem o tão sonhado “[...] chapéu cuja pluma negra deve custar talvez duzentos mil réis” (RIO, 1952: 64).

Tal caminho de investigação nas crônicas dispara um minucioso entendimento sobre as diferentes possibilidades de leitura da obra de João do Rio e Arlt. Aqui, as duas obras escolhidas para a análise dão acesso a formas e sensibilidades de se ver um outro tempo. Um período, nas palavras de Arlt, “onde as mulheres passam a roupa cantando um tango que aprenderam de memória em a Alma que Canta; por que isso, os romances em fascículos e uma sessão de cinema, é o único divertimento das moças que estou falando” (RIBEIRO, 2001: 181). E é por esse viés da literatura, segundo Pesavento, que “o texto literário revela e insinua as verdades da representação ou do simbólico através de fatos criados pela ficção” (PESAVENTO, 2006: 22).

Compreende-se desse modo, através da escrita da cidade, as experiências e os choques entre as camadas da população que metamorfoseavam e criavam

seus espaços. Formas que vigoravam naquela sociedade e que para João do Rio e Arlt eram o laço de afeto entre eles e a escrita. No caso aqui abordado, suas narrativas focam as dificuldades, a pobreza e a invisibilidade das mulheres operárias diante da elite e da própria família. Nas palavras de João do Rio: “Quanta coisa! quanta coisa rica! Elas vão para a casa acanhada jantar, aturar as rabugices dos velhos, despir a blusa de chita — a mesma que hão de vestir amanhã...E estão tristes. São os pássaros sombrios no caminho das tentações” (RIO, 1952: 64).

A influência da *Belle Époque* francesa nas cidades do Rio de Janeiro e de Buenos Aires traz consigo, além da modernização, o consumismo exacerbado que “morde-lhes a alma a grande vontade de possuir, de ter o esplendor que se lhes nega na polidez espelhante dos vidros” (RIO, 1952: 64).

O próprio autor se compraz das moças e pergunta: “Por que pobres, se são bonitas, se nasceram também para gozar, para viver?” (RIO, 1952: 64).

Permito-me responder a João do Rio com as palavras retiradas da crônica de Roberto Arlt: “[...] tudo isso foi originado pela miséria, pelo trabalho; [...]” (RIBEIRO, 2001:182). Também o autor *porteño* questiona sobre a vida destas mulheres (RIBEIRO, 2001):

- Em tantos anos de vida, quantos minutos de felicidade estas mulheres tiveram? (...) Nunca! Nasceram sob o signo do trabalho e desde os sete ou nove anos até o dia em que morrem, não fizeram nada mais que produzir, produzir costuras e filhos, uma coisa e outra, e mais nada (p.182) .

João do Rio e Roberto Arlt não eram historiadores, nem tampouco sua obra objetivava descrever os acontecimentos com fidelidade científica e acadêmica. No entanto, para um historiador que procura indícios sobre a época da qual os autores participaram, suas obras literárias podem ser de grande valor. Como bem lembra Pesavento:

A sintonia fina de uma época fornecendo uma leitura do presente da escrita pode ser encontrada em um Balzac ou em um Machado, sem que nos preocupemos com o fato de Capitu ou do Tio Goriot e de Eugène de

Rastignac terem existido ou não. Existiram enquanto possibilidades, como perfis que retraçam sensibilidades. Foram reais na “verdade do simbólico” que expressam não no acontecer da vida. São dotados de realidade, porque encarnam defeitos e virtudes dos humanos, porque nos falam do absurdo da existência, das misérias e das conquistas gratificantes da vida, porque falam das coisas para além da moral e das normas, para além do confessável, por exemplo (Pesavento, 2006, p 15).

Assim, a leitura dos anos iniciais do século XX na obra literária dos articulistas pode ser percebida através (PESAVENTO, 2006):

[...] do “efeito de real” fornecido pelo texto literário que consegue fazer seu leitor privilegiado – no caso, o historiador, com o seu capital específico de conhecimento – divisar sob nova luz o seu objeto de análise, numa temporalidade passada. Nesta dimensão, o texto literário inaugura um *plus* como possibilidade de conhecimento do mundo (p. 22).

Considerações finais

Pela rua do Ouvidor, João do Rio. Por la calle Florida, Roberto Arlt. Dois amantes incondicionais das ruas ladrilhadas de suas cidades. Dois autores, dois países, duas cidades, duas ruas, ou melhor, várias delas. E por elas, além dos articulistas e da população em geral, uma avalanche chamada modernidade.

Pode-se afirmar, sem demasiado risco de faltar com a verdade, que o final do século XIX e o início do século XX foi um soco na boca do estômago de grande parte dos habitantes do Rio de Janeiro e de Buenos Aires. Nesse período, as duas capitais federais começam a passar por reformulações urbanísticas drásticas que causam um impacto profundo nas relações sociais, de trabalho e na vida cotidiana. Enquanto as camadas mais ricas e os letrados bebiam do espírito francês da *Belle Époque*, trabalhadores miseráveis, mulheres e crianças mendigas mostravam uma outra faceta contrastante da urbe.

Aspectos que João do Rio e Roberto Arlt percorreram por todas as ruas da cidade durante o dia ou à madrugada descrevendo os cortiços e a pobreza urbana. Nesses percursos, muitas vezes toparam com mulheres que nasceram, cresceram e morreram levando trouxas nos braços, cuidando da família e costurando para fora. Essas mesmas mulheres, invisíveis aos olhos da família, também são comparadas a

mariposas por João do Rio, pois, vivem a reviravoltar as vitrines ansiando pelo luxo das roupas, dos chapéus e das jóias. Luxo que vêem estampado nos corpos das damas da sociedade, mulheres pomposas que as ofuscam, tornando-as invisíveis também nas ruas.

Rio de Janeiro e Buenos Aires não passaram impunes pela transição para a ordem capitalista urbana. A acidentada construção de novas formas de autoridade civil, a expansão do consumo de artigos produzidos pelas indústrias européias e norte-americanas, associada ao incipiente surgimento de um parque industrial, mudou hábitos e costumes no Brasil e na Argentina. A população cresceu rápida e diversificadamente, alimentada pelas correntes migratórias nacionais e estrangeiras, modificando assim a face das cidades.

Poucos escritores conseguem ligar essas mudanças radicais a suas obras quanto João do Rio e Arlt. Seus romances, crônicas, contos e novelas são a porta de entrada para o fascínio e também para a desorientação que as transformações desta época causaram nas pessoas.

Referencias Bibliográficas

BAUDELAIRE, Charles. O cisne. In: _____. **As Flores do Mal**. 5. ed. Tradução e notas de Ivan Junqueira. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política**: ensaios sobre literatura e história da cultura. 7. ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.

CARVALHO, J.M. **Os Bestializados**: o Rio de Janeiro e a república que não foi. 3ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

CHARTIER, Roger. **A história cultural – Entre práticas e representações**. Lisboa: Difel, 1990.

MUMFORD, Lewis. **A cidade na história**. Suas origens, transformações e perspectivas. Tradução Neil R. da Silva. São Paulo: Martins Fontes, 1991. (original: 1961).

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **O imaginário da cidade**: visões literárias do urbano – Paris, Rio de Janeiro, Porto Alegre. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 1999.

_____. História & Literatura: uma velha-nova história In: COSTA, Clélia Botelho da; MACHADO, Maria Clara Tomaz (Org.). **Literatura e história: identidades e fronteiras**. Uberlândia: EDUFU, 2006.

PINTO, Júlio Pimentel. **Uma memória do mundo: ficção, memória e história em Jorge Luis Borges**. São Paulo: Estação Liberdade; FAPESP, 1998.

RAMA, Angel. **A cidade das letras**. São Paulo: Brasiliense, 1984.

RIBEIRO, Maria Paula Gurgel. **Tradução de águas fortes portenhas, de Roberto Arlt**. Dissertação de Mestrado, apresentada ao Departamento de Letras Modernas da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo – Área de Língua Espanhola e Literatura Espanhola e Hispano Americana. São Paulo, 2001.

RIO, João do. **A alma encantadora das ruas**. Rio de Janeiro: Ed. das Org. Simões, 1952.

SEVCENKO, Nicolau. **Literatura como missão: tensões sociais e criação cultural na primeira República**. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

VELLOSO, Mônica Pimenta. **A Literatura como Espelho da Nação: A Crítica Literária No Estado Novo**. Revista de Estudos Históricos, Rio de Janeiro, 1988.

[1] BAUDELAIRE, Charles. O cisne. In: **As Flores do Mal**. 5. ed. Tradução e notas de Ivan Junqueira. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985. p. 327 - 328.

“Le vieux Paris n’est plus (la forme d’une ville / Change plus vite, hélas! que le cœur d’un mortel); Paris change! mais vien dans ma mélancolie / N’a bougé! palais neufs, échafaudages, blocs / Vieux fauborgs, tout pour moi devient allégorie, / Et mès souvenirs sont plus lourds que des rocs.”

[2] Ver o livro de Sandra Jatahy Pesavento: **O imaginário da cidade: visões literárias do urbano – Paris, Rio de Janeiro, Porto Alegre**. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 1999.